

Sobre o Imperfeito Narrativo em Português Europeu

Bárbara Azevedo

barbarazevedo6187@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

ABSTRACT.

This work has as main objective to analyze the use of the Narrative Imperfect in European Portuguese, in order to verify if this use is present in the language. The analysis is based on data collected from a Portuguese language repository, CETEMPúblico. The study focuses on constructions, where the Imperfect Tense is found in order to verify to what extent European Portuguese presents or not occurrences of the Narrative Imperfect. After analyzing the data collected, it was observed that there are some occurrences, based on two of the aspectual classes with which the Imperfect Tense is combined.

KEYWORDS.

Imperfect Tense; Narrative Imperfect Tense; European Portuguese; Linguistic Corpus.

RESUMO.

Este trabalho tem como principal objetivo analisar o uso do Imperfeito Narrativo em português europeu, de modo a verificar se este uso se encontra presente na língua. A análise baseia-se em dados recolhidos num repositório linguístico português, o CETEMPúblico. O estudo centra-se em construções, onde o Imperfeito do Indicativo se encontra, com o intuito de verificar até que ponto o português europeu apresenta ou não ocorrências do Imperfeito narrativo. Depois da análise dos dados, observou-se que há algumas ocorrências, nos dados recolhidos, tendo por base duas das classes aspetuais com as quais o Pretérito Imperfeito se combina.

PALAVRAS-CHAVE.

Pretérito Imperfeito; Imperfeito Narrativo; Português Europeu; Corpus Linguístico.

Para a Professora Fátima Oliveira, com muita estima e dedicação.

1. Introdução

O Português Europeu (PE), assim como outras línguas, contém tempos verbais que permitem construir diversos tipos de enunciados que podem localizar as situações numa linha de tempo, tendo em conta um ponto de referência temporal.

Neste sentido, do ponto de vista temporal, o imperfeito, tempo que nos propomos analisar neste trabalho, encontra-se localizado na esfera do passado: "... um tempo verbal com valor semântico de Passado, mas possui igualmente uma forte dimensão aspetual e, por vezes, modal" (Oliveira 2013: 518).

Na literatura, em PE e noutras línguas românicas, é relativamente consensual que, sendo um tempo da esfera do passado, apresenta também valores aspetuais relevantes, que advêm de ser um tempo alargado (cf. Reichenbach 1947, entre muitos outros), tais como a possibilidade de estativização de eventos, incluindo estados habituais. Para além disso, o Pretérito Imperfeito (PI) pode também produzir efeitos modais.

Em virtude da sua semântica, o PI é, por vezes, classificado como "onírico", "imminente", "lúdico", "hipotético" e "prospetivo" (cf. Bertinetto 1987, Brés 2004, Cunha & Cintra 2000, e.o.), sendo ainda referenciado um uso menos comum deste tempo verbal, o Imperfeito Narrativo (IN), (Bertinetto 1987, Brés 2004, Caudal et al. 2003).

Com o intuito de compreender melhor o chamado IN, é o objetivo deste estudo determinar até que ponto o PI é narrativo ou pode ocorrer em contextos narrativos e quais as suas características. Para isso, selecionamos 398 ocorrências, no *corpus* CETEMPúblico, concentradas em duas classes aspetuais, culminações (ou *achievements*) e processos culminados (ou *accomplishments*).

A escolha destas duas classes aspetuais está relacionada com o facto de ambas serem eventos que envolvem culminação, sendo, por isso, télicas e poderem associar um estado consequente (Moens 1987, Oliveira 2003, e.o.).

Deste modo, são feitas, na secção 2, observações sobre a caracterização do PI do ponto de vista temporal e aspetual. Na secção 3, apresentamos, em linhas gerais, o IN. Na secção 4, procede-se à análise do *corpus*, expondo

brevemente a metodologia da recolha, seguindo a análise dos dados e os resultados obtidos. No final, tecemos algumas considerações baseadas na análise dos dados apresentados.

2. O Pretérito Imperfeito: Tempo e Aspeto

2.1. O Pretérito Imperfeito do ponto de vista temporal

O PI é, tipicamente, um tempo verbal do passado¹ que tem subjacente alterações aspetuais relevantes, podendo ocorrer uma relação de sobreposição com outro elemento temporal (Oliveira 2003, Oliveira 2004, Cunha 2013). Igualmente, devido à dificuldade que existe em delimitar as situações no tempo, o PI, por ser considerado um tempo *alargado*², pode transformar ‘eventos’ télicos em atélicos, não limitados, e transformá-los em estados habituais ou outros (Oliveira 2003: 140), como veremos, posteriormente.

Como referido, o PI, quando apresenta a informação de passado, geralmente altera o tipo de situação do ponto de vista aspetual, estativizando eventos e estabelecendo relações de inclusão como em (1) e (3) ou de habitualidade ou frequência como em (2) e (4).

- (1) O João chegou a casa quando a Joana estudava na sala.
- (2) O João espirrava quando a mãe abria a janela.
- (3) O João comia a sopa quando a mãe entrou na cozinha.
- (4) O João comia sopa aos domingos.

Assim, no exemplo (1), verifica-se que a situação descrita pela frase principal está incluída na frase temporal com PI; no exemplo (2), com a ocorrência de PI nas duas frases, podemos verificar a repetição de ocorrências de um ponto (espirrar), permitindo a construção de um estado habitual;

1 É necessário ter em conta que, muitas vezes, o pretérito imperfeito não apresenta valores temporais (ver Oliveira 2003, 2004, Cunha 2003).

2 Segundo Oliveira (2003: 156), o pretérito imperfeito do indicativo, por ser um tempo alargado, pode alterar a classe aspetual do evento, podendo ocorrer uma relação de inclusão ou de sobreposição parcial ou total com um tempo do domínio do passado.

no exemplo (3), em virtude do PI, percebemos que o processo culminado “comer a sopa” não atingiu a culminação e a situação descrita pela frase temporal está incluída na da frase temporal; e, finalmente, no exemplo (4), a situação “comer sopa” pode ter uma leitura habitual no passado, uma vez que o PI ocorre num contexto que permite a repetição da situação (“aos domingos”).

No entanto, é necessário ter em atenção que o PI pode nem sempre ser um tempo do passado, como se pode ver em (5) e (6).

- (5) Agora comia gelado.
- (6) Mais logo, passava em tua casa.

No exemplo (5), o ponto de referência é o momento de enunciação, dado pelo advérbio “agora” e, no exemplo (6), o ponto de referência é posterior e é dado por “mais logo”.

Assim sendo, como Oliveira (2004) afirma, o PI, em PE, é, na maior parte dos casos, um tempo anafórico, ou seja, é um tempo do passado que permite alterações aspetuais, sendo elas a transformação de eventos télicos em atélicos, retirando a culminação a um processo culminado, e a transformação de eventos em estados, como por exemplo, estados habituais.

Resumidamente, o PI, como vimos, é um tempo que pode fazer alterações aspetuais, por causa da sua natureza ilimitada e inconclusiva.

2.2. O Pretérito Imperfeito do ponto de vista aspetual

Há dois aspetos fundamentais do ponto de vista aspetual quando se considera o PI. Por um lado, as classes aspetuais com que se pode combinar, em frases simples, e, por outro, o seu funcionamento como operador aspetual.

De acordo com Oliveira (2004), o PI, em PE, é, na maior parte dos casos, um tempo anafórico, podendo surgir apenas em frases simples com predicados de indivíduo³ ou, quando opera aspetualmente, transformando eventos em estados (habituais ou não). Quando se combina com predicados de indivíduo, as leituras possíveis são as de que o predicado já não se aplica

³ Para a distinção entre predicado de indivíduo e predicado de fase (*stage*), consultar, entre muitos outros, Carlson (1977), Oliveira (2004), Cunha (2013).

(sendo, neste caso, semelhante ao Pretérito Perfeito), mas também de que o indivíduo já não existe.

A nível aspetual, o pretérito imperfeito tem a capacidade de transformar eventos télicos em eventos atélicos, retirando a culminação a um processo culminado, como em (7), ou pode transformar eventos em estados, como em (8).

- (7) O João comia a sopa, quando a Sofia saiu de casa.
- (8) O Miguel fumava.

No exemplo (7) é visível que a situação *sair de casa* se encontra incluída no intervalo de tempo de a situação *comer a sopa*, em virtude da utilização do PI. Por seu turno, *fumar* apenas se refere a um estado habitual relativo a um tempo passado.

Quando o PI se combina com estados, em particular com predicados de indivíduo, em frases simples, estes mantêm-se como estados, com as leituras mencionadas acima, como em (9). Com estados que são predicados de fase não há alteração de classe aspetual, mas precisam sempre de um outro ponto de referência que permita fazer a localização temporal, como no exemplo (10):

- (9) A Rita era simpática.
- (10) Ontem a Rita estava com gripe.

Assim sendo, podemos concluir que a nível aspetual o PI é um tempo que pode fazer alterações aspetuais quando se combina com eventos, mas raramente quando se combina com estados.

2.2.1. Classes aspetuais

No que diz respeito a questões de aspeto, como afirma Oliveira (2003), existem

[...] vários fatores que influenciam o Aspecto nas línguas em geral e em particular as línguas como o português, que não apresentam qualquer marca

específica de Aspecto. Os fatores que vamos considerar são os morfemas usualmente considerados temporais, os operadores aspetuais e a natureza semântica dos complementos.

Oliveira (2003: 138)

Por outras palavras, o PE, tal como outras línguas, não apresenta marcas aspetuais referentes ao aspeto. No entanto, há outros mecanismos que influenciam a classificação dos verbos em classes aspetuais, como os advérbios e os operadores aspetuais, os complementos e os tempos verbais. Mais ainda, existem ainda alguns tempos verbais que fazem alterações aspetuais, como é o caso do PI, uma vez que a interpretação aspetual de uma dada situação é feita através de uma rede de mecanismos, como, posteriormente, veremos.

A estrutura temporal interna de uma situação detém um conjunto de propriedades que nos ajudam a descrevê-la: a ‘dinamicidade’, a ‘duratividade’, a ‘telicidade’ e a ‘homogeneidade’, (Dowty 1979, Moens 1987, Oliveira 2003, Cunha 2013).

A partir das propriedades apresentadas podemos enumerar diversas classes aspetuais⁴. A maior distinção é feita a partir da característica de dinamismo ou não. Esta característica permite-nos distinguir ‘eventos’ (dinâmico – várias subfases consecutivas) e ‘estados’ (não dinâmicos – estrutura interna globalmente uniforme). É relevante mencionar também que os ‘eventos’ admitem uma pausa (intervalo) e os ‘estados’ não a admitem no seu todo.

No que diz respeito aos ‘eventos’, existem quatro classes que nos permitem agrupar os predicados aspetuais consoante as suas características: os ‘processos’, os ‘processos culminados’, as ‘culminações’ e os ‘pontos’.

No nosso trabalho, focaremos apenas a nossa atenção nas culminações e nos processos culminados e, por isso, passamos a caracterizá-las brevemente. As culminações são situações não durativas (momentâneas, ou seja, sem extensão temporal), téticas e, nessa medida, têm estado consequente. Por sua vez, os processos culminados são eventos téticos, são durativos e não homogéneos. Desta forma, estes apenas são tidos como verdadeiros quando

4 Os exemplos apresentados nesta secção são criados por nós.

a meta é atingida, como escrever a carta ou pintar o quadro.

3. O Imperfeito Narrativo ⁵

The term “narrative” Imperfect (...) refers to a peculiar usage of this tense, which is believed to have emerged in relatively recent time.

Bertinetto (1987: 71)

De acordo com Bertinetto (1987: 74), o IN, em italiano, ocorre raramente na linguagem oral, sendo mais comum na linguagem escrita, em que apresenta, muitas vezes, conotações paródicas, a não ser que ocorra em contextos de televisão, rádio, jornais, textos literários e comentários desportivos. Contudo, nos contextos literários, assim como nos jornais, a sua ocorrência é também residual.

Brés (2004: 8), por sua vez, afirma que o IN, em francês, apresenta o traço de tempo (+ passado) e os traços aspetuais de (+ tensão) e (- incidência)⁶.

Um dos testes apresentados, tanto por Bertinetto (1987: 75-76) como por Brés (2004: 10-11), para saber se estamos perante um IN, ou não, é a substituição do PI por tempos equivalentes ao Pretérito Perfeito Simples do PE, como se pode ver, para o caso do francês, os exemplos (11) e (11’). Se essa substituição não alterar o seu significado, ou, como García Fernandez (2004: 64) afirma, ocorrer uma “neutralização aspetual”, como é o caso dos dois exemplos apresentados, estamos diante de um Imperfeito Narrativo. Brés (2004: 10-11), por seu turno, apresenta ainda mais um teste, a coocorrência, por vezes, da conjunção *já*, que com o IN, não é possível, uma vez que este advérbio transmite a ideia de rutura ou o início de uma dada situação. Observemos o exemplo (12):

- (11) Je... dit-il tout contre son oreille, et, à ce moment, comme par erreur, elle tournai la tête et Colin lui embrassait les lèvres. Ça ne dura pas très longtemps. (Vian, L’Ecume des jours).

⁵ Os exemplos utilizados nesta subsecção são baseados em Bertinetto (1987) e Brés (2004).

⁶ De acordo com Brés (2004: 12), os contextos de incidência requerem cinco elementos: a relação de progressão, advérbio no início da frase como *x temps plus tard*, o tipo de processo, a sintaxe do enunciado e a implicação de conclusão.

- (11') Je... dit-il tout contre son oreille, et, à ce moment, comme par erreur, elle tourna la tête et Colin lui embrassa les lèvres. Ça ne dura pas très longtemps. (Vian, *L'Écume des jours*).
- (12) *Elle rejoignit sur sa couche l'homme immobile. Dès qu'elle fut étendue près de lui, déjà il se rapprochait. Elle se réveilla lucide, raisonnable (Mauriac, *Thérèse Desqueyroux*).

Adicionalmente, o IN pode ocorrer, também, em contexto de indeterminação, característica típica do PI, como verificamos anteriormente. Contudo, esta condição pode não ocorrer em dois casos:

- quando o contexto revela uma duração determinada (+ incidência) (cf. Brés 2004);
 - e quando o contexto especifica um determinado número de iterações.
- Atualmente, o IN assenta basicamente no uso básico do PI, mas num contexto perfeito.

Bertinetto (1987: 77), à luz de Berrettoni (1972), sugere que o IN pode ser visto como metáfora aspetual; por outras palavras, uma discordância aspetual. Se assim for assumido, podemos estar perante dois tipos de metáforas aspetuais, "dead" ou "live"⁷.

O uso mais corrente é o da metáfora aspetual "dead" que ocorre nos tipos de discurso mais convencionais. Vejamos os seguintes exemplos de comentários desportivos, exemplo (13), e de discursos biográficos, exemplo (14):

- (13) Al 30° Dossena scendeva sulla sinistra, stringeva al centro e mancava di un soffio la conclusion.
- (14) Due secoli fa, nasceva a Bonn L. van Beethoven.

Relativamente ao uso da metáfora aspetual "live", este é encontrado tipicamente em textos literários, sendo considerado mais fraco e mais ambíguo, pois pode ser indeterminado como um PI Progressivo ou como um Pretérito Perfeito Simples. Observemos os dois seguintes exemplos retirados de dois textos literários:

⁷ Os exemplos utilizados nesta subsecção são baseados em Bertinetto (1987).

- (15) “Si spogliarono, si coricarono; e dopo aver chiacchierato un po’, si addormentarono: Bouvard supino, la bocca aperta; Pécuchet sul fianco destro, le ginocchia raccolte sotto il mento, um berretto di cotone calcato in capo; e tutti e due ronfavano nel chiaro di luna che entrava dalle finestre.” (G. Flaubert; tradução italiana de C. Sbarbaro)
- (16) “...ma il frate, facendogli di nuovo sentir fortemente la mano com cui lo teneva, lo tirò appié del covile, e, stesavi sopra l’altra mano, accennava col dito l’uomo che vi giaceva”. (A. Manzoni)

Tendo em conta estes autores, podemos verificar que o IN é produzido através do uso do Imperfeito e inserido em contextos perfetivos, não modificando, enriquecendo ou filtrando o significado perfetivo do contexto. Mais ainda, em textos literários, em muitos exemplos o IN pode ser mais fraco e exibir uma interpretação ambígua. Por outras palavras, o PI não é narrativo e o contexto onde está inserido é que determina a sua narratividade.

4. Análise dos dados

Depois de termos feito algumas observações relativamente ao PI a nível aspetual e temporal e ao IN, foquemo-nos no caso específico do IN em PE.

Como mencionado anteriormente, procedemos a uma seleção de 398 dados, concentrados em duas classes aspetuais, por um lado, culminações, com os verbos *sair* e *ganhar*, por outro lado, processos culminados, com os verbos *pintar* e *escrever*, na terceira pessoa do singular.

Face a estes quatro verbos de duas categorias aspetuais distintas, ocorrentes na terceira pessoa do singular do PI, pretendemos perceber se, em contextos linguísticos semelhantes de um corpus jornalístico, o português manifesta ocorrências do IN e se ocorrem de forma equivalente ou distinta nas duas classes aspetuais selecionadas. De acordo com Bertinetto (1987), como referido anteriormente, caso se verifique, estamos diante do uso mais comum do IN, o da metáfora aspetual “dead”, que surge, normalmente, em contextos jornalísticos e biográficos.

No que diz respeito às culminações, foram selecionadas 212 ocorrências,

repartidas de forma igual pelo verbo *sair* e *ganhar*. Das 106 ocorrências selecionadas com o verbo *sair*, foram detetadas 10 ocorrências do IN. Por sua vez, relativamente ao verbo *ganhar*, encontramos 26 ocorrências do IN.

Assim sendo, apresentam-se de seguida exemplos que ilustram as ocorrências de estruturas em que os verbos na oração principal são *sair* e *ganhar*:

- (17) O Braga saía de Setúbal vergado por uma pesada derrota e os sadinos festejavam os pontos que os devem segurar na I Divisão. ext1366474-des-98a-2
- (18) Oceano, que tem sido um jogador decisivo para a sua equipa, saía de campo de cabeça baixa, ciente que acabara de prejudicar a sua equipa. ext594924-des-97b-1
- (19) Meireles ganhava 5'' a Macedo, enquanto na Produção Franco dispunha já de 48'' de vantagem sobre Couto. ext16722-des-94b-1
- (20) De seguida transformava a sua corretora em financeira de corretagem e ganhava mais 600 mil. ext55566-eco-92b-2

De acordo com Bertinetto (1987), um dos testes mencionados é a substituição do PI pelo Pretérito Perfeito Simples. Assim sendo, analisemos os quatro exemplos, (17) - (20), referidos, alterando o tempo verbal:

- (17') O Braga saiu de Setúbal vergado por uma pesada derrota e os sadinos festejavam os pontos que os devem segurar na I Divisão.
- (18') Oceano, que tem sido um jogador decisivo para a sua equipa, saiu de campo de cabeça baixa, ciente que acabara de prejudicar a sua equipa.
- (19') Meireles ganhou 5'' a Macedo, enquanto na Produção Franco dispunha já de 48'' de vantagem sobre Couto.
- (20') De seguida transformou a sua corretora em financeira de corretagem e ganhou mais 600 mil.

Como podemos observar, nos quatro exemplos analisados, (17') - (20'), a substituição do PI pelo Pretérito Perfeito Simples não introduz qualquer tipo

de significado diferente nem alteração aspetual, podendo-se constatar que a ocorrência do PI surge num contexto perfeito.

Adicionalmente, Brés (2004) menciona ainda o teste com o advérbio *dejá* (já) que sob certas condições pode coocorrer com o IN, associando-lhe um valor cursivo. No entanto, segundo o autor, os dois testes (substituição pelo equivalente ao Pretérito Perfeito Simples e a ocorrência de *dejá*) não podem coocorrer. Com base nos exemplos iniciais, vamos verificar se este segundo teste também se aplica em PE.

- (17'') ??O Braga já saía de Setúbal vergado por uma pesada derrota e os sadinos festejavam os pontos que os devem segurar na I Divisão.
- (18'') ??Oceano, que tem sido um jogador decisivo para a sua equipa, já saía de campo de cabeça baixa, ciente que acabara de prejudicar a sua equipa.
- (19'') ??Meireles já ganhava 5'' a Macedo, enquanto na Produção Franco dispunha já de 48'' de vantagem sobre Couto.
- (20'') ??De seguida transformava a sua corretora em financeira de corretagem e já ganhava mais 600 mil.

Como se pode ver nos exemplos (17'') - (20''), por vezes o IN aceita o advérbio *já*, exatamente como Brés (2004) propõe. No entanto, nas ocorrências por nós analisadas, o uso do advérbio *já* torna as frases, do nosso ponto de vista, não aceitáveis.

Brés (2004: 11-12), no seu trabalho, apresenta e analisa apenas um exemplo com o verbo *se rapprocher*, que é um processo, mas, nas ocorrências selecionadas no PE, esse teste parece não funcionar.

Observemos agora os processos culminados com os verbos *pintar* e *escrever*. Relativamente a esta classe aspetual, foram selecionadas 186 ocorrências, sendo que 31 correspondem ao verbo *pintar*, uma vez que no *corpus* selecionado não existem mais ocorrências, e 155 ocorrências correspondem ao verbo *escrever*. A partir destas ocorrências, foi encontrado 1 caso do IN com o verbo *pintar* e 7 com o verbo *escrever*. Analisemos os seguintes exemplos de forma a verificar se estamos ou não perante casos de IN. Para isso, iremos aplicar os mesmos testes realizados anteriormente. Consideremos, em primeiro lugar, a substituição do PI pelo Pretérito Perfeito Simples:

- (21) Na sua carta, o prelado pintava um quadro apocalíptico do estado das devoções e dos costumes no bispado do Porto, mas também em Braga e em Lamego, que A. Cruz resume: ext710877-soc-98a-2
- (21') Na sua carta, o prelado pintou um quadro apocalíptico do estado das devoções e dos costumes no bispado do Porto, mas também em Braga e em Lamego, que A. Cruz resume:
- (22) Mas depois de ter conhecido a África, passou a dizer que «Roma deixou de ser em Roma» («Rome n ' est plus dans Rome»), como escrevia numa carta a Auguste Jal. ext477021-clt-95a-1
- (22') Mas depois de ter conhecido a África, passou a dizer que «Roma deixou de ser em Roma» («Rome n ' est plus dans Rome»), como escreveu numa carta a Auguste Jal.
- (23) E quinta-feira passada, outro conceituado especialista – o padre jesuíta espanhol Pedro Miguel Lamet, colaborador do «Diario 16» e antigo director da «Vida Nueva» – escrevia no boletim do Secretariado (português) das Comunicações Sociais, da Igreja, que «as explicações de que o Papa] pisou a batina e que escorregou no banho não convencem ninguém. ext485269-soc-94a-2
- (23') E quinta-feira passada, outro conceituado especialista – o padre jesuíta espanhol Pedro Miguel Lamet, colaborador do «Diario 16» e antigo director da «Vida Nueva» – escreveu no boletim do Secretariado (português) das Comunicações Sociais, da Igreja, que «as explicações de que o Papa] pisou a batina e que escorregou no banho não convencem ninguém.

Como podemos verificar, os exemplos selecionados, com o verbo *pintar*, (21) e (22), e (23) com o verbo *escrever*, parecem demonstrar ocorrências do IN. Como referido, aplicamos o teste da substituição do PI pelo Pretérito Perfeito Simples, exemplos (21'), (22') e (23'). Em todos estes casos, não existem alterações aspetuais, tendo o PI ocorrido em contextos perfeitivos.

Vejamus agora a ocorrência com o advérbio *já*:

- (21'') Na sua carta, o prelado já pintava um quadro apocalíptico do estado das devoções e dos costumes no bispado do Porto, mas

também em Braga e em Lamego, que A. Cruz resume:

- (22'') Mas depois de ter conhecido a África, passou a dizer que «Roma deixou de ser em Roma» («Rome n ' est plus dans Rome»), como já escrevia numa carta a Auguste Jal.
- (23'') E quinta-feira passada, outro conceituado especialista – o padre jesuíta espanhol Pedro Miguel Lamet, colaborador do «Diario 16» e antigo director da «Vida Nueva» – já escrevia no boletim do Secretariado (português) das Comunicações Sociais, da Igreja, que «as explicações de que o Papa] pisou a batina e que escorregou no banho não convencem ninguém.

Os exemplos (21'') - (23''), em PE, parecem-nos mais aceitáveis, quando comparados com exemplos (17'') – (20''). Como dissemos, Brés (2004), afirma que o advérbio *já*, por vezes, é permitido em contextos onde ocorra o IN e, como referido, a única ocorrência analisada pelo autor foi um processo com o verbo *se rapprocher*.

Nas últimas ocorrências por nós analisadas, (21'') - (23''), em PE, estamos perante processos culminados. Os processos culminados contêm uma parte processual, ao contrário das culminações, que não a têm. Através do nosso estudo, parece-nos que o advérbio *já*, quando ocorre com processos culminados, é mais aceitável do que quando ocorre com culminações. Assim sendo, o IN juntamente com o advérbio *já* surge mais facilmente com uma classe aspetual que detenha uma parte processual e que apresente menos incidência, nos termos de Brés (2004), mais ligada à questão cursiva do PI.

Contudo, durante a nossa pesquisa sobre a ocorrência do IN, em PE, com culminações e processos culminados nos verbos selecionados, deparamo-nos com um caso que pode ter duas interpretações. Analisemos o exemplo (24) com o verbo *sair*:

- (24) A procissão saía da Sé em direcção ao Arco de Vandoma e Santa Ana, descia a Rua dos Mercadores, passava pela Praça da Ribeira, Rua da Fonte Taurina, Terreiro e S. Nicolau, subia a Rua das Congostas até S. Domingos e regressava, pela Rua das Flores e pela Rua Chã, ao ponto de partida. *ext1357890-soc-95b-2*

Bertinetto (1987: 77), baseado em Berrettoni (1972), como vimos, fala de um uso mais fraco, ligado, tipicamente, a contextos literários, em italiano. Este uso é denominado de metáfora aspetual “live” e revela um IN, também, potencialmente, mais ambíguo, utilizando o teste do tempo equivalente ao Pretérito Perfeito Simples.

Como podemos ver, o exemplo (24) pode ser perfeito ou imperfeito, pois tanto pode ocorrer num contexto de narração, revelando uma sequência de eventos, podendo ser substituído pelo Pretérito Perfeito Simples ou pelo PI Progressivo, exemplo (24'), como pode ser visto como uma situação habitual. Caso aceitemos a última situação, estamos perante o uso típico do PI, o contexto imperfeito.

(24') A procissão saiu da Sé em direcção ao Arco de Vandoma e Santa Ana, desceu a Rua dos Mercadores, passou pela Praça da Ribeira, Rua da Fonte Taurina, Terreiro e S. Nicolau, subiu a Rua das Congostas até S. Domingos e regressou, pela Rua das Flores e pela Rua Chã, ao ponto de partida.

Os exemplos analisados permitem-nos constatar que, o PE, através dos testes apresentados, revela ocorrências do IN em estruturas onde estão presentes culminações e processos culminados. Adicionalmente, o advérbio *já*, teste apenas mencionado por Brés (2004), é aceitável, unicamente, nas ocorrências em que a classe aspetual tenha uma parte processual e que apresente menos incidência, ligada à questão cursiva do PI.

5. Observações finais

Neste trabalho, propusemo-nos refletir sobre as possíveis ocorrências do IN em dados seleccionados de um corpus do PE em que apenas se consideraram duas classes aspetuais, culminações e processos culminados.

Após analisarmos os exemplos do corpus recolhido e aplicarmos os testes mencionados por diversos autores, podemos concluir que existem mais ocorrências do IN com culminações, contabilizando-se 26 ocorrências (24,5%) com o verbo *ganhar* e 10 ocorrências (9,4%) com o verbo *sair*, de

um total de 212 ocorrências. Por seu turno, raramente nos deparamos com o IN com processos culminados, uma vez que só encontramos 1 ocorrência (3,2%) com o verbo *pintar* e 7 ocorrências (4,5%) com o verbo *escrever*, num somatório de 186 ocorrências.

TABELA 1 – Síntese dos dados recolhidos

Eventos	Verbos	Imperfeito Narrativo	Outras ocorrências	Total de ocorrências:
Culminações	saía	10 (9.4%)	96 (90.6%)	106 (100%)
	ganhava	26 (24.5%)	80 (75.5%)	106 (100%)
Processos Culminados	pintava	1 (3.2%)	30 (96.8%)	31 (100%)
	escrevia	7 (4.5%)	148 (95.5%)	155 (100%)
Total		45 (11.3%)	353 (88.7%)	398 (100%)

Nos dados recolhidos encontraram-se mais casos de IN com culminações do que com processos culminados, podendo isso dever-se aos verbos selecionados em cada uma das classes, que têm em comum serem télicas e apresentarem estado consequente.

Se em ambos os casos o teste de substituição pelo Pretérito Perfeito funcionou bem, o teste com o advérbio *já*, proposto por Brés (2004), é aceitável em ocorrências com processos culminados, mas, nos dados em análise, esse teste gera exemplos pouco aceitáveis com culminações.

Uma razão que se pode aduzir para esta diferença pode ser o facto de os processos culminados apresentarem uma parte processual e, por isso, menos incidência, termo utilizado pelo autor, ligada à questão cursiva do PI. Por sua vez, as culminações não têm uma parte processual, o que parece dificultar o teste com o advérbio *já*.

Assim, o teste proposto por Brés não parece ser decisivo pelo menos com

as classes aspetuais selecionadas, sendo necessário alargar a outras classes aspetuais e aumentar os dados selecionados, incluindo outros verbos. De qualquer forma, parece confirmar-se, com os dados recolhidos em corpus jornalístico, considerado por Bertinetto como um dos que podem apresentar IN, que o número de ocorrências é escasso tal como defendido por este autor para o italiano.

REFERÊNCIAS

- Berrettoni, P. (1972). La metáfora aspettuale. *Studi e Saggi Linguistici*, 12, 250-259.
- Bertinetto, P. M. (1987). Structure and origin of the “narrative” imperfect. In A. G. Ramat, O. Carruba, & G. Bernini (Eds.), *Papers from the 7th International Conference on Historical Linguistics* (Vol. 48, pp. 71-85). John Benjamins Publishing Co.
- Brés, J. (2004). Le Temps Verbal en Contexte : L'exemple de L'Imparfait Narratif. *Diacrítica*, 18(1), 5-27.
- Carlson, G. (1977). A Unified Analysis of the English Bare Plural. *Linguistics and Philosophy*, 1(3), 413-458.
- Caudal, P., Veters, C., & Roussarie. L. (2003). L'imparfait, un temps inconséquent. *Langue française*, 138, 61-74.
- CETEMPúblico (Corpus de Extratos de Textos Electrónicos MCT/Público). <https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>
- Cunha, L. F. (2013). Aspeto. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 585-622). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, C., & Cintra, L. (2000). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. João Sá da Costa.
- Dowty, D. R. (1979). *Word meaning and Montague grammar*. D. Reidel Publishing Company.
- García Fernandez, L. (2004). *El Pretérito Imperfecto*. Gredos.
- Moens, M. (1987). *Tense, Aspect and Temporal Reference* [Dissertação de Doutoramento]. Universidade de Edimburgo.
- Oliveira, F. (2003). Tempo e Aspeto. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, & A. Villalva, *Gramática da Língua*

Portuguesa (pp. 127-178). Caminho.

Oliveira, F. (2004). O Imperfeito e o tempo dos indivíduos. In F. Oliveira, & I. S. Duarte (Eds.) *Da Língua e do Discurso* (Vol. 1, pp. 505-528). Campo das Letras, Col. Campo da Linguística.

Oliveira, F. (2013). Tempo verbal. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 509-556). Fundação Calouste Gulbenkian.

Reichenbach, H. (1947). The Tenses of Verbs. Section 51 of *Elements of Symbolic Logic* (pp. 287-298) New York: The Macmillan Company.